



FRANÇA

Dois meses após eleições lideradas por uma coalizão de esquerda, Emmanuel Macron designa o conservador Michel Barnier como novo primeiro-ministro. Negociador experiente, ele terá que derrubar resistências para se firmar no cargo

O desafio de formar um governo de união

Na tentativa de resolver o impasse governamental que se instalou na França nos últimos três meses, o presidente Emmanuel Macron designou, ontem, um político veterano, conservador e com perfil de negociador, para assumir o cargo de primeiro-ministro. Ao fim de semanas de consultas “sem precedentes”, em busca de uma nomeação “mais estável possível”, Macron entregou a Barnier a espinhosa missão de formar “um governo de unidade” num país politicamente fragmentado. O novo premiê, 73 anos, terá como primeiro desafio evitar uma rápida censura no Parlamento.

“Serão necessários muita escuta e muito respeito. Respeito entre o governo e o Parlamento, entre todas as forças políticas (...) E eu começarei a trabalhar nisso a partir de agora”, disse o sucessor do jovem Gabriel Attal, 35 anos, em suas primeiras declarações como chefe de governo.

O presidente de centro-direita abriu uma crise política na França ao antecipar para 30 de junho as eleições legislativas previstas para 2027. Apesar de a coalizão de esquerda Nova Frente Popular (NFP) ter vencido a votação, emergiu das urnas uma Assembleia Nacional (câmara baixa) com três blocos principais, todos distantes da maioria absoluta.

ANFP ganhou no segundo turno, após um expressivo desempenho da ultradireita na primeira etapa da votação, com a promessa de revogar a reforma das pensões de Macron. A coalizão indicou a economista Lucie Castets para o cargo de premiê, uma escolha rejeitada pelo presidente em nome da “estabilidade”.

Com mais de 50 anos na



Gabriel Attal (E) aplaude o sucessor durante a transferência pública de cargo, em frente ao Hôtel Matignon, em Paris: missão espinhosa

política, Barnier, que atuou como chefe negociador da saída do Reino Unido da União Europeia (UE), poderia contar com o apoio de seu partido, Os Republicanos (LR), e da aliança de Macron.

Moção de censura

No entanto, analistas políticos consideram que isso é insuficiente diante de uma eventual moção de censura, se tanto o partido de extrema direita Regrupamento Nacional (RN) e seus aliados, quanto a coalizão de esquerda, votarem a favor. Esses somariam 335 votos, bem acima dos 289 necessários.

O RN de Marine Le Pen descartou por enquanto uma moção de censura, aguardando para ouvir seu discurso de política geral. E reiterou suas prioridades: poder aquisitivo, combate à “imigração fora de controle” e insegurança, e modificação do sistema eleitoral.

Por sua vez, a esquerda denunciou uma “crise de regime”, nas palavras do socialista Olivier Faure. Isso porque Macron nomeou um membro do LR, que não participou do acordo tácito entre a NFP e o governo para conter a ultradireita durante as eleições. “Roubaram a

eleição dos franceses”, denunciou o líder da esquerda radical, Jean-Luc Mélenchon.

A escolha de Macron por Barnier ocorreu depois que outras opções, como o ex-primeiro-ministro socialista Bernard Cazeneuve e o presidente regional de direita, Xavier Bertrand, não se mostraram factíveis a médio prazo. O LR havia rejeitado desde as legislativas qualquer coalizão com a desgastada aliança governista para evitar ser marcado para as eleições presidenciais de 2027, nas quais Macron não poderá se candidatar, mas finalmente se mostrou mais flexível.

Prioridades

No primeiro discurso após a transferência de cargo, o novo premiê esboçou suas prioridades: acesso aos serviços públicos, educação, segurança, controle da imigração, trabalho e nível de vida. “Será uma questão de responder, na medida de nossas possibilidades, aos desafios, à raiva, ao sofrimento, ao sentimento de abandono e injustiça”, observou Barnier, prometendo “dizer a verdade” sobre a “dívida financeira e ecológica”.

Além de formar o governo,

Perfil

Veterano na política

Com mais de cinco décadas na política, Michel Barnier, 73 anos, ocupou os mais diversos cargos. Entre 1993 e 2009, foi ministro em vários setores, sob as presidências de François Mitterrand, Jacques Chirac e Nicolas Sarkozy. Também foi deputado e senador. Em 1981, ainda um jovem parlamentar, votou contra a descriminalização da homossexualidade, episódio que a esquerda ressuscitou ontem.

Foi em Bruxelas, como negociador da União Europeia (UE) com o Reino Unido que ele forjou o seu status de político pragmático e confiável. “Ele é um homem de consenso e de negociação, como demonstrou nas negociações do Brexit. Algo que parece indispensável”, disse o deputado de direita Vincent Jeanbrun.

entre suas primeiras decisões, estará, de fato, apresentar ao Parlamento até 1º de outubro o orçamento de 2025 e confirmar se seguirá a recomendação do ministro da Economia, Bruno Le Maire, de realizar cortes para reduzir o déficit.

De todos os encargos, superar a crise política será o principal desafio do chefe de governo mais velho desde a Reforma Constitucional que instaurou a Quinta República em 1958. “A política francesa está doente, mas a cura é possível”, garantiu Attal, que se tornou em janeiro o primeiro-ministro mais jovem do país.

ESTADOS UNIDOS

Trump quer Musk na Casa Branca

Donald Trump quer o bilionário Elon Musk a seu lado caso retorne à Casa Branca. O candidato republicano a presidente dos Estados Unidos anunciou que designará o dono da rede social X e fundador da Tesla para liderar uma reforma da administração pública se sair vitorioso das urnas nas eleições de 5 de novembro.

Ao discursar sobre seu programa econômico de governo perante o Economic Club de Nova York, o ex-presidente afirmou que Elon Musk aceitou a missão de realizar uma “auditoria completa” do Estado. A ideia, inclusive, teria partido do próprio empresário, nascido na África do Sul e naturalizado norte-americano.

A sugestão de Musk, explicou Donald Trump, consiste em criar “uma comissão de eficiência governamental encarregada de conduzir uma auditoria financeira e de gestão completa de todo o governo federal”. Os trabalhos desse grupo, com Musk à frente, terão início com a elaboração de um “plano de ação para eliminar totalmente a fraude e os pagamentos indevidos” em seis meses. “Isso economizará bilhões de dólares”, destacou Trump.

A dois meses das eleições, magnata republicano repetiu seu plano de cortar impostos e aumentar tarifas sobre as



Republicano pretende criar comissão de eficiência para o bilionário

importações. Também afirmou que planeja eliminar 10 regulamentações oficiais para cada uma que for criada.

Indústrias do futuro

Trump se comprometeu a fazer dos Estados Unidos “a capital mundial do bitcoin e das criptomoedas” se voltar à Casa Branca. “Em vez de combater as indústrias do futuro, iremos respalda-las”, garantiu.

A algumas centenas de quilômetros do local onde o republicano discursava, sua adversária, a democrata Kamala Harris, desembarcava na Pensilvânia — possivelmente, o estado mais

crucial da eleição, visitado por Trump na véspera.

A Pensilvânia será a base de Kamala para se preparar para o debate de 10 de setembro com Trump, na Filadélfia, na rede ABC. O “confronto” terá 90 minutos de duração. Os dois candidatos estarão de pé, sem anotações e sem público.

A votação nos Estados Unidos promete ser acirrada, e Washington aponta para tentativas de interferência russa nas eleições, motivo pelo qual adotou uma série de medidas. Ontem, sem responder diretamente a essas acusações, o presidente Vladimir Putin manifestou, em tom sarcástico, seu apoio a Kamala Harris.

ALEMANHA

Atentado frustrado em Munique

Monitorado pelos serviços de inteligência da Áustria desde o ano passado, um rapaz de 18 anos foi morto, ontem, pela polícia alemã depois de disparar várias vezes com um rifle nas proximidades do Consulado de Israel em Munique. O jovem, cujo nome não foi revelado, planejava um “atentado terrorista” à representação diplomática, no mesmo dia que marca a tomada de reféns durante os Jogos Olímpicos de 1972, na qual morreram onze atletas israelenses.

“Presume-se que se tratou de um ataque terrorista”, indicou a polícia da Baviera, em um comunicado conjunto com o Ministério Público. A polícia abriu fogo e matou o suspeito depois de ele atirar. Segundo as autoridades locais, ninguém mais ficou ferido.

O presidente de Israel, Isaac Herzog, “expressou seu horror” na rede social X, descrevendo o incidente como um ataque extremista. Segundo a revista alemã *Der Spiegel* e o jornal austríaco *Standard*, a polícia havia investigado no ano passado esse jovem por fazer propaganda para a organização jihadista Estado Islâmico (EI).

A polícia da Áustria informou que o jovem, morador na região de Salzburgo, era “suspeito de ter se radicalizado no plano religioso e de se interessar por explosivos”.



Policiais isolam área do Consulado de Israel, o alvo do ataque

Também foi “acusado de participar de um grupo terrorista”, pelo qual o teria proibido de ter armas, acrescentou a polícia, que disse ter encerrado as investigações em abril do mesmo ano.

O tiroteio de ontem ocorreu pouco depois das 9h locais (4h de Brasília). Policiais que faziam a segurança do consulado israelense e de outros edifícios próximos, incluindo um museu sobre o nazismo, avistaram o suspeito. Ele portava um modelo antigo de carabina que foi transformado em uma baioneta.

“Esse incidente demonstra o quanto perigoso é o aumento do antissemitismo. É importante que a opinião pública se oponha

energicamente a ele”, enfatizou o cônsul israelense em Munique, Talya Lador-Fresher, à agência France Presse (AFP).

A Alemanha, a exemplo de vários outros países, tem experimentado um ressurgimento do antissemitismo desde o ataque do Hamas a Israel em 7 de outubro, que desencadeou a guerra na Faixa de Gaza. A situação preocupa as autoridades.

Em 2023, foi registrado um número recorde de crimes antissemitas, 5.164, em comparação com 2.641 em 2022. A ministra do Interior, Nancy Faeser, assegurou que “a proteção dos estabelecimentos judeus e israelenses é uma prioridade absoluta”.